

BAKHTIN E DOSTOIÉVSKI: REVOLVENDO AS MEMÓRIAS DO SUBSOLO

Carlos Versiani dos Anjos (UEMG)

RESUMO: Este trabalho tem como tema a discussão sobre os princípios teóricos relacionados ao dialogismo e à polifonia, na perspectiva de Mikhail Bakhtin, a partir de sua leitura crítica da obra *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski. Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, elabora toda uma teoria sobre a presença da polifonia no romance moderno, tomando como foco central a obra literária do autor russo, no que se incluem análises específicas sobre o livro *Memórias do Subsolo*. Utilizamos como método, neste ensaio, a divisão do mesmo em duas partes, uma ficcional e a outra crítica. Ou seja, objetivando estudar *in loco* o discurso do Homem do Subsolo, aproximamo-nos literariamente do mesmo, introduzindo outros personagens, na tentativa de melhor analisar, através deles, o universo dialógico de Dostoiévski e as posições defendidas por Bakhtin, ele próprio transformado em personagem na primeira parte do trabalho. Na segunda parte, buscamos explicar, teoricamente, a estrutura utilizada para compor a parte ficcional do ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: Dostoiévski; Bakhtin; Memórias do Subsolo

O Subsolo

Meus caros, eu não vim de algum lugar que pudesse ensinar-me a entender ou explicar os romances, ou os motivos pelos quais os autores inventam suas histórias e seus personagens, para depois obrigá-los, mesmo postumamente, a ocupar os aposentos onde antes se deitavam quietamente os meus sonhos e desejos mais recônditos, para importunamente despertá-los, ou estilhaçá-los. Não aprendi as técnicas pelas quais um bom leitor deve, cientificamente, perscrutar uma obra literária, auscultando todos os sentidos ou intenções almejadas pelo autor, e ignorando-o, descer até a autoconsciência independente dos seus personagens.

Não consigo entender o que agora me querem inculcar, que os poetas, quando escrevem seus poemas e seus romances, não detêm todas as rédeas que conduzem os filhos de sua criação. Que as vozes que sofrem, deliram ou gracejam, não ditam a mesma sentença inscrita no cérebro que as faz falar. Que o mais importante, para a sobrevivência do romance, é assassinar o autor, e oferecer os seus despojos aos abutres sequiosos de memória e bolor; pois ao presente bastariam os efeitos, como no reflexo do espelho, por onde passeiam soltas as palavras, para sempre livres do seu infecto e presunçoso criador.

Desculpem o excesso de emoção, mas compartilho das dores de um Dostoiévski, aquele que também me fala em memórias, nunca bastante subterrâneas, pois as sinto emergir, como pontas de faca na sola dos pés de um faquir, lembrando-me igual, como

um homem doente e mal. Doente por excesso de consciência. Doente por ter tomado mais do que desferido bofetadas. E mal pelo gratuito desejo de vingança, sem sinceramente ter a quem e o que vingar. Mal por saber que tudo que é sublime e belo não pertence ao mundo real, não enche nem meio copo de cachaça.

Não quero falar do muro. Desculpem se os desaponto, mas não vou falar do muro. Pois não sou normal. E minha mãe não tem culpa disso, Dostoiévski, minha mãe natureza me criou carinhosamente, como um bom animal. Mas os muros... Tudo bem, não precisam gritar, eu vou dizer. Se for para alimentar as gargalhadas de suas goelas possantes, se é para satisfazer sua sede de ver-me confessar em desespero a minha inata incapacidade de vingar... Diabos! Porque não se pode fazer o que se quer? Mas não recuo como os homens normais diante de um muro. O muro não me soa mais resistente que a capa vermelha de um toureiro, ou que o toureiro que enverga a capa. Nada evita o peso das minhas cabeçadas. Dois e dois não são quatro. Dou mil vezes minha cara a tapa. Mas jamais conseguirei me vingar.

E se fosse um homem justo, capaz de praticar a justiça com as próprias mãos, de quem me vingaria? Que culpa poderia me conceder o imenso prazer de fazer um filho de Deus sofrer? Sim, porque certamente, se pudesse um dia me vingar, certamente me vingaria com prazer. Não o prazer da vingança em si, cujo cálculo inibe qualquer emoção; mas o prazer da dor, da maldade nua e crua, que se delicia com cada gemido da criatura que se quer fazer sofrer, principalmente se for um nobre habitante dos palácios de cristal. Mas o que estou a dizer? Nomeando culpados em um mundo em que não existe culpa, em que cada um é o único algoz da sua própria sentença...

Na verdade, não consigo controlar essa vontade irrefreável de tagarelar. Mas consolo-me por ser este o destino último e evidente de todo ser inteligente: falar pelos cotovelos... Qual o motivo do ar de censura, amigos? Não me julguem tolo por confessar em público a minha inteligência. Não sou tolo, nem sou Sócrates. Não careço de dúvidas nem de humildade. Tenho mesmo uma consciência avantajada. Se não obtive em cinquenta anos de vida qualquer tipo de reconhecimento é que ainda não descobriram um nome com que me identificar. Para ser reconhecido entre toda a corja de idiotas, é preciso portar um letreiro luminoso, que informe aos meio cegos e muito tolos quem vem de lá, emergindo da terra, das profundezas subterrâneas.

Não, não é a vocês que chamo de tolos, cegos ou idiotas. Vocês estão aí, quietos nas suas cadeiras, anotando tudo, tentando entender. Falo dos nobres refinados e afeiçoados, sempre acompanhados de suas tabelas e fitas métricas, que dizem

representar as leis da natureza, medindo e calculando cada desejo, cada ação e cada palavra, para filtrá-los e enquadrá-los aos princípios da razão. Destes, de onde vez e outra saem os mais terríveis e temíveis sanguinários. Sou eu, Dostoiévski, se seus homens são excessivamente vacilantes, dúbios e mentirosos, sou eu que cobrirei de pontapés toda a forma de cálculo e sensatez. E não me venha com adeptos. Darei um pontapé também em todos os adeptos que me enviar.

E saibam crianças, que trago junto comigo toda a História da humanidade. Ou será que poderiam me dizer, quando foi que os homens agiram, em todas as épocas, conforme as sacrossantas e irrevogáveis leis da natureza? Existe algum tipo de cálculo ou de sensatez no correr da História, desde o Colosso de Rodes? Para o inferno com todo o tipo de razão! Faço picadinho da razão para dar de alimento aos corvos da História. E desculpe se não tenho o seu humor, Dostoiévski, meu humor ficou lá embaixo, junto com todos os espelhos que ainda podem me fazer rir ou chorar.

E sei que é muito mais fácil destruir. Os homens normais sempre destroem pelo medo de se deparar com o fim. Quando tudo está quase perfeito, quando se vislumbra o final do caminho construído por toda uma vida, o cheiro de novo e limpo torna-se insuportável. E aí começa o trabalho da marreta, dos chifres do touro. Sim, mesmo eles, os homens bons e sensatos, os sábios e amantes da natureza... Cedo ou tarde acabam assassinando suas convicções. Já nós, que somos loucos, destruimos por prazer, destruimos para salvar os nossos desejos, os nossos mais profundos e insaciáveis desejos, sufocados sob o peso asfixiante dos muros.

Chega! Para que estou a vomitar palavras sem sentido? E parem de mexer freneticamente suas penas sobre os papéis, feito inúteis imbecis. De que vale para vocês e para o mundo aquilo que digo ou deixo de dizer? Eu, que pouco usei um tinteiro, e sequer sei distinguir entre quem escreve e aquilo que escreve. Talvez vocês não sejam mais que suas palavras rabiscadas. E estejam mortos sobre as cadeiras. Também não sei se estou vivo, ou se sou apenas a criação mal acabada dos seus escritos. Ou será que sou aquilo que pensam dos escritos de Dostoiévski? E quem é este doutor com cem livros debaixo do braço, que arrasta uma cadeira e se senta perto do mim? Viva o homem do subsolo! E deixem-me quieto com meu charuto e minha vodka, antes que a neve molhada me engula outra vez.

A neve molhada

Sir Mikhail Bakhtin chegou ao café, arrastou uma cadeira e se sentou, derrubando sobre a mesa um monte de livros. O garçom perguntou se queria o de sempre e ele disse que sim. Em seguida, olhou com uma ponta de desprezo para o senhor esquelético e feio sentado na mesa do lado e zombou:

- Bom, mas excessivamente monológico.

- O quê?

- O que estava a dizer. Seu texto é até razoável, quase um arremedo do homem do subsolo. Ou seria uma homenagem?

- Quem lhe autorizou a dirigir-me o mau hálito de suas palavras?

- Hummm, parece que não sou eu o fétido aqui. Mas não se engane. Nós, cientistas, não precisamos de autorização para decifrar os enigmas que desprendem de vocês, meros personagens. Ou estaria diante do próprio autor, mal e porcamente travestido de personagem?

- O senhor está vendo alguma corda movimentando os meus braços?

- Ora, ora, então estamos diante do próprio autor desta paródia? Seja quem for, tem alguma qualidade o que disse. Quem sabe, se ousasse colocar no papel o que fala, não poderia se tornar um bom escritor? Mas cuidado com ela, a moral, a mãe de todos os vícios literários, para que ela não mate a autoconsciência dos seus personagens...

- E que autoridade tem essa ciência, que vem lá dos palácios de cristal, onde não se pode entrar uma gosma da língua de um plebeu, para ruminar sobre o que não viveu?

- Sssshhhh! Silêncio! Já conheço esse enredo de cor. Se ajeite na cadeira, que agora sim, poderemos apreciar a transformação do discurso em ação... É quando se gira o prisma e os signos, brilhantemente, refratam múltiplas ações... Aproveite para aprender um pouco sobre a arte literária.

O Homem afunda o rosto nos braços sobre a mesa, enquanto chegam então, em polvorosa, os outros clientes, acomodando-se nas mesas restantes. São jovens estudantes, antigos professores e escritores.

-Ah! – exclamou Bakhtin – os senhores também vieram... Isso. Muito bem, ajeitem-se todos, há espaço suficiente. Está para se iniciar o espetáculo. Hummm... Já posso até sentir o gostinho da neve molhada...

Por força de alguma engenhoca da modernidade, exclusiva daquele inusitado lugar, surge, por sobre a parede branca, imagens de uma história de Dostoiévski, a segunda parte das suas *Memórias do Subsolo*. Os professores e escritores estão atentos, os estudantes com as penas em punho, e o Homem meio levanta a cabeça, o suficiente para

a passagem do seu olhar. Bakhtin, em posição privilegiada, põe-se a comentar o que se passa na tela em movimento.

- Estão vendo aquele sujeito franzino, feio e taciturno, que mal suporta encarar os olhos de outra pessoa, e se esgueira cabisbaixo pelas ruas de São Petersburgo, recordando de como já se fazia insignificante vinte anos atrás? Ele não é nada. Não, não é por ser insignificante para os outros, para o mundo, ou para si mesmo. Ele não é nada porque não importa, em Dostoiévski, de que matéria se constitui um personagem. Interessa apenas a expressão de sua consciência, o que fala, o que coloca em constante diálogo consigo mesmo e com os outros. Não queiram construir, à semelhança de um exercício de Stanislavski, suas características pessoais, sua personalidade. Pois descobrirão, talvez incomodados, que é ele, o personagem, que está a construir, de forma autoconsciente, todo o tempo, o que passa em suas mentes no desejo de classificá-lo.

Muitos murmúrios tomam conta do espaço. Mas a um sinal do dono do lugar, todos se calam. Inclusive Bakhtin, a contragosto, meneando a cabeça, demonstrando que bem gostaria de comentar toda a história. Na parede o enredo se tece, as confissões do homem do subsolo se materializam em imagens: das más lembranças do trabalho na repartição, das desventuras envolvendo o oficial, do duelo fatídico com os ex-colegas de escola, da relação de amor e ódio com Lisa, dos conflitos com o criado Solomon... Interagindo com as cenas e os diversos antagonistas, a voz em *off* da consciência do homem do subsolo. Até o ponto final.

Aplausos ressoam por todo o ambiente. Bakhtin está de pé, alucinado, batendo palmas. O Homem, na mesa ao lado, permanece estático, mas com os olhos abertos, vidrados. Todos os outros se manifestam positivamente. E Bakhtin é o primeiro a falar.

- E então senhores, o que lhes parece?

- Eu considero que, quando um personagem, falando de si mesmo ou de outros, de forma medíocre ou magistral, como é o caso, ele interroga as verdades do mundo, se torna um ideólogo. Alguém que defende ideias. E quem defenderia essas ideias, que emergem dos diálogos interiores e exteriores de um personagem, senão o próprio autor, que nele as inscreve? Ou o senhor acredita mesmo que toda a pesada crítica contra o racionalismo da sociedade pequeno burguesa, que emerge estupendamente das *Memórias do Subsolo*, não expressa também o pensamento do próprio Dostoiévski?

- Sr. Tolstoi, segundo a minha teoria...

- Segundo a sua teoria, Sr. Bakhtin, eu sou um ser monológico ancestral, um poeta menor, conservador, que ajo nas minhas histórias como um Deus, onisciente e

onipresente, usando de personagens pré-construídos, apenas como pretextos para a defesa da minha ideologia e moral. Mas não quero refutar aqui o que pensa sobre a minha obra. Só tenho a dizer que, independente da forma brilhante como Dostoiévski o faz, com a total independência e autoconsciência dos seus personagens, de forma polifônica e tal, ressoando as múltiplas vozes dos outros e do mundo, ninguém me tira a certeza de que estão ali, todas, no Homem do Subsolo, num mosaico constituído de múltiplas faces, as ideias singulares de um senhor chamado Fiódor Dostoiévski.

- O senhor está certo, quanto à primeira parte. O Homem do Subsolo realmente é um ideólogo, e a ideia quase chega a se converter na verdadeira heroína da obra. O discurso individual do herói sobre si mesmo aqui se funde com a verdade que professa sobre o mundo. Isto é inseparável em Dostoiévski, e esta é uma arte insuperável em outros escritores. Mas não sei se as ideias que saem pela boca do seu personagem cabem nas ideias do autor Dostoiévski. Pois aí estão, Tolstoi, se batendo, num combate sem vencido ou vencedor, todas as ideias do mundo. Se o senhor quer encontrar, aqui ou em qualquer obra, uma síntese do pensamento de Dostoiévski, sinto muito, mas não vai encontrar. Simplesmente porque não há síntese, não há dialética, tudo se multiplica em sucessivas antíteses no discurso narrativo. E ainda digo mais, amigo: se não estiver cortado o cordão umbilical que une o personagem ao seu criador, então não estaremos diante de uma obra de arte, mas de um documento pessoal.

Tolstoi abandona imediatamente a sala, no que é seguido, com algum vacilo, por cinco ou seis estudantes. Górkí, que dividia a mesa com Tolstoi, também acompanha em solidariedade o amigo, não sem antes falar para todos ouvirem:

- É, parece que até hoje ninguém mesmo aprendeu a ler este livro. Nele está tudo o que fundamenta o niilismo e o anarquismo. Todo o Nietzsche está dentro dele!

- Deve ser por isso que gostei tanto do livro – gracejou Nietzsche, de outra mesa.

- É, só que o senhor é bem mais grosseiro que Dostoiévski, respondeu, também com humor, Górkí, já à porta de saída.

- Pudera, fui eu quem matou Deus. Dostoiévski, como bom cristão, não cometeria essa grosseria. (Nietzsche dirige-se a D. S. Mirsky, ao seu lado) Foi um verdadeiro achado, fortuito, numa livraria. É a voz do sangue! Como denominá-lo de outro modo?

- Sabe o que acho? – respondeu-lhe Mirsky - Acho que as *Memórias do Subsolo* não podem ser recomendadas àqueles que não são bastante fortes para sobrepujá-las, nem bastante inocentes para não se envenenarem. Aí está um veneno forte, sendo preferível deixá-lo intocado.

Este diálogo arrefeceu os ânimos, tomados pela discussão entre Bakhtin e Tolstoi, e em ambiente mais calmo, um estudante perguntou:

- Sr. Bakhtin, o senhor poderia identificar, em *Memórias do Subsolo*, com base nas suas teorias, qual seria considerada a parte mais fraca da narrativa?

- Não diria, propriamente, que exista na novela, uma parte que se possa considerar “fraca”. Mas certamente, do ponto de vista dos avanços que a estrutura narrativa de Dostoiévski proporcionou à literatura, as partes em que há uma presença mais forte do discurso de feição moral ou monológica, seriam, do meu ponto de vista, menos relevantes. Poderia citar, por exemplo, apesar de ser um discurso colocado por terra logo depois pelas outras vozes do personagem, mas que soa muito moralizante, o que foi feito à Lisa sobre o amor da mulher e as virtudes do ambiente familiar.

O Homem, que até este momento não emitira qualquer reação, permanecendo virado para a parede branca, com os braços cruzados sobre a mesa, sustentando o peso de sua cabeça, se voltou para o Bakhtin:

- Seu grande doutor de causas incontestáveis, o autor não pode dizer nada do que sente, não pode usufruir minimamente dos seus personagens? Não se toca que Dostoiévski escreveu o livro com a sua mulher à beira da morte, que toda a passagem sobre o amor da mulher pode se tratar de uma justa e última homenagem?

- Francamente, é tão difícil assim para você, que macaqueia tão bem o homem do subsolo, entender que ele não é Dostoiévski, não tem uma mulher à beira da morte, e por isto nunca poderá fazer um discurso literário em sua homenagem?...

Falaria mais Bakhtin, se não fosse interrompido por um grande estrondo por trás da parede branca, de onde surge, repentinamente, o próprio Dostoiévski, trazendo pela mão, coberto de neve, o Homem do Subsolo.

Ressurrectos

- Vejam! – exclamou Bakhtin- se não é o grande Dostoiévski, trazendo pela mão o Homem do Subsolo!... Até que vocês se parecem.

- Talvez sejamos filhos dos mesmos pais, respondeu secamente Dostoiévski...

O romancista se senta na mesma mesa do Homem, sem cumprimentá-lo, e sem que ele esboçasse alguma surpresa ou reação. Ao centro está Dostoiévski, ladeado pelos dois outros, ambos calados e com os olhos perdidos no infinito. Na mesa à frente, Bakhtin se entusiasma. - Salve! O nosso grande homenageado da noite!

- É, mas hoje não estou muito para homenagens.

- Claro, o cansaço, pela grande empreitada desta obra...
- Foi mais difícil escrever do que eu imaginava. E escrevi em circunstâncias terríveis, na cabeceira do leito de morte de minha mulher, totalmente endividado.
- Ah, mas a sua acolhida foi muito boa. Tudo há de se remediar.
- É absolutamente necessário que a novela saia boa, eu preciso pessoalmente disso. Pelo seu tom ríspido e hostil, ela é demasiadamente estranha. Pode ser que não agrade.
- Agrada. Tem arte, tem originalidade.
- É necessário que a poesia suavize e suporte tudo.
- E o nosso amigo? Resolveu trazê-lo de volta?
- É, ele precisa de um bom banho, mas depois vou levá-lo em frente.
- É mesmo? Vai usá-lo em outras obras?
- Estou pensando. Vou levá-lo para compor com Raskólnikov, personagem que estou criando para o meu primeiro grande romance, *Crime e Castigo*. Penso também em aproveitá-lo, futuramente, em *Os Demônios*...
- Bom, excelente, isto favorece a amplitude dos diálogos, que se estendem em rede sobre várias obras... A respeito do Homem do Subsolo...
- Desculpe, é o suficiente, não posso revelar tudo. Você sabe, existe nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio...

Começou a ficar escuro. Bakhtin olhou em volta e percebeu que o café estava vazio, que todos já tinham ido embora, sem sequer testemunhar a aparição de Dostoiévski. Bakhtin sentiu um calafrio percorrer-lhe toda a espinha. Levantou-se sem se despedir e foi saindo, quando ouviu o Homem gritar atrás de si:

- Senhor Bakhtin!
- Sim – respondeu, sem se virar
- O senhor já ficou frente a frente com um pelotão, escapando no último segundo antes que as balas dos fuzis estourassem os seus miolos de doutor?
- Não...

Bakhtin apenas balbuciou e virou-se lentamente. Os olhos estavam embaçados, não conseguia mais fixar a imagem. Piscou duas vezes e então distinguiu, em meio à escuridão, só o vulto de um homem, que ria de forma convulsiva e assombrada.

Comentários críticos

A opção em apresentar a primeira parte deste estudo de uma forma não convencional, literária, não foi fortuita e muito menos dissimulada, como se quisesse inventar uma fórmula mais fácil ou prazerosa de enfrentar o debate sobre Bakhtin e as *Memórias do Subsolo*. Confesso o grande despertar literário que a leitura de Dostoiévski tem me proporcionado, mas fui motivado antes pelo próprio eixo temático que envolve a proposta deste trabalho: a análise das múltiplas vozes que emergem dos personagens de Dostoiévski e do seu grau de independência face ao próprio autor, conforme a perspectiva da análise de Bakhtin. Ou seja, objetivando estudar *in loco* o discurso do *Homem do Subsolo*, quis também eu introduzir no jogo meus personagens, na tentativa de melhor analisar, através deles, o universo dialógico de Dostoiévski e as visões defendidas por Bakhtin.

Na primeira parte, *O Subsolo*, o personagem é um híbrido entre o próprio *Homem do Subsolo*, de quem ecoa inúmeras vozes, e um pouco de mim mesmo, das lembranças que tenho de uns vinte e cinco anos atrás, quando li a obra pela primeira vez, e identifiquei-me ou quis identificar-me com o protagonista de Dostoiévski. Acresce-se ao personagem as minhas indagações de hoje, a partir das leituras dos escritos de Bakhtin sobre a obra de Dostoiévski.¹ O que se vê é um homem do subsolo aparentemente mais trágico e orgulhoso, talvez mais enlouquecido, mas com certeza menos hábil na utilização dos recursos polifônicos estudados por Bakhtin como característicos dos personagens de Dostoiévski: como o da réplica antecipada e das evasivas. Preserva-se, entretanto, a estrutura bifocal, a orientação do discurso para o outro, ou outros. O personagem se dirige às vezes ao próprio Dostoiévski, aí sim em réplicas antecipadas, e como “meus caros”, a estudantes da sua obra.

Os dois primeiros parágrafos fazem menção à visão de que, independente da estética utilizada, em qualquer romance ou texto literário estariam representadas as formas como os autores enxergam o mundo. Mesmo que isto não aconteça de maneira totalmente consciente ou planejada, mesmo que os personagens, com múltiplas vozes, expressem autonomia e liberdade; ainda assim, todas estas vozes seriam parte de um jogo do autor: no seu entrecruzar, refletiriam sua ideologia e seus valores. Essa é uma discussão que retomo na segunda parte do ensaio literário, num confronto fictício entre

¹ - Refiro-me à obra: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

Bakhtin e Tolstói, e aqui comentarei também, a esse respeito, posições defendidas por Tzvetan Todorov.²

Quando li, pela primeira vez, *Memórias do Subsolo*, acreditava que o sujeito de quem partiam as falas, independente dos personagens, era sempre Dostoiévski. E ao identificar-me com o discurso do *Homem do subsolo* em sua aversão à sociedade civilizada, bem comportada, extremamente falsa e racional, passei então a admirar profundamente o autor, pelo que acreditava ser a sua ideologia, dita pela boca do protagonista. Tenho agora o privilégio de poder apreciar Dostoiévski por motivos não exatamente ideológicos, mas ligados à própria arte da literatura, como autor capaz de desvincular o que pensa do que pensam os seus personagens. Mas sempre fica a dúvida se, na construção da estrutura narrativa, não haveria um direcionamento proposital do autor, sobre o olhar do leitor, para uma determinada verdade que se queira transmitir.

Todorov, no prefácio à *Estética da Criação Verbal*, faz uma crítica veemente a Bakhtin, quanto à propalada independência da relação autor/personagem na obra de Dostoiévski. Afirma ele que Bakhtin, em estudos anteriores, chegara a defender a exigência, na criação literária, da presença de elementos externos à consciência interna dos personagens; estes só poderiam ser construídos esteticamente se vistos do exterior, do que ele chamaria de “exotopia exterior”. Todorov diz que esta antiga “regra geral”, na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* se transformaria em uma lei só aplicada, depreciativamente, dentro da estrutura monológica. (BAKHTIN, 2003, p. XIX). Mas a principal crítica de Todorov viria da contestação quanto ao entendimento de Bakhtin sobre algumas afirmações do próprio Dostoiévski, citando comentário do mesmo sobre a forma como a “ideia reinante da vida” deve passar para o leitor, mesmo que de forma indireta. Para Bakhtin esta “ideia reinante”, que expressaria a moral do autor, deveria “dirigir apenas a escolha e a disposição da matéria”. Todorov pergunta com ironia se além da “escolha e a disposição da matéria”, haveria mais o que dirigir. (BAKHTIN, 2003, p. XXIV).

Todorov se opõe, basicamente, a duas questões: a insistência de Bakhtin em colocar, na discussão sobre a polifonia em Dostoiévski, o autor no mesmo plano que seus personagens; e na sua recusa em aceitar a existência de uma defesa das verdades do autor nos romances polifônicos. Para Todorov, Bakhtin percebeu bem as particularidades da obra de Dostoiévski, sua excepcionalidade em “representar

²- Refiro-me às posições defendidas no prefácio à obra: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. Prefácio Tzvetan Todorov. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

simultaneamente e no mesmo plano, várias consciências, umas tão convincentes quanto às outras”. Mas se enganou na forma como atribui a isto a ausência de verdades, pois Dostoiévski não deixaria de ter “enquanto romancista, uma fé na verdade como horizonte último” (BAKHTIN, 2003, p. XXV).

No segundo tópico do ensaio, quis criar uma atmosfera fantástica, categoria também presente nas obras de Dostoiévski, colocando, num mesmo plano, autores de épocas distintas e o próprio personagem do tópico anterior, que assistem a exibição das ações da segunda parte das *Memórias do Subsolo*, numa projeção sobre a parede, presumivelmente antes da criação dos irmãos Lumière. Um Bakhtin fictício, arrogante e mordaz, exalta a exibição, pela própria força dialógica que a novela assume quando os personagens efetivamente são mostrados em ação. Aí aconteceria o primado da imagem, que segundo a teoria de Bakhtin, está no auge da literatura polifônica, por ser necessariamente ambígua e não vir com uma interpretação colada a si. Presentes na sala estão Nietzsche, Górkki e D.S. Mirsky, que apenas repetem depoimentos já conhecidos sobre as *Memórias do Subsolo*, que encontrei na edição traduzida e prefaciada por Schnaiderman. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 9 e 10).

O auge da cena é o debate entre Bakhtin e Tolstoi, colocado como contraponto, tantas vezes invocado pelo próprio crítico, da presença da polifonia em Dostoiévski. Pensei em inserir aí, como personagem, Tzvetan Todorov, que poderia perfeitamente sair em socorro de Tolstoi, a partir das suas opiniões expostas acima. Mas preferi dar, talvez monologicamente, neste episódio, mais força à palavra final do personagem representando Bakhtin.

A chegada de Dostoiévski, no último tópico, trazendo pelas mãos o Homem do Subsolo, também pertence ao reino do fantástico. Mas o personagem representando o autor expõe de início apenas aspectos do contexto real em que vivia quando escreveu a obra. Quando a conversa começa a se referir ao Homem do Subsolo, e à utilização de suas ideias e sua consciência em personagens futuros, a atmosfera vai se transformando; o fantástico se mistura ao mistério, quase ao terror, numa proposital homenagem a Edgar Allan Poe, autor lido e admirado por Dostoiévski. Na fusão enxergada ao final por Bakhtin, dos três antagonistas em um único indivíduo, a mensagem é dúbia: os personagens Homem e Homem do Subsolo se fundem no autor, ou seriam o autor e o seu homem do subsolo que se fundem no duplo criado pelo leitor (no caso eu mesmo), a partir da minha leitura da obra de Dostoiévski?

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética em Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. Prefácio Tzvetan Todorov. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Memórias do Subsolo*. Tradução e prefácio Boris Schnauderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do Subsolo*. Trad. Maria Aparecida Soares. Porto Alegre: L&PM, 2010.